

ficção

JOSE CARDOSO PIRES

A REPÚBLICA DOS CORVOS

Lisboa, Publicações Dom Quixote / 1988

O volume reúne uma série de sete narrativas interligadas por uma característica: a de dar corpo e expressão a uma espécie de bestiário nacional que se explica sob vários aspectos mas sempre numa perspectiva crítica em relação ao espaço (com tudo o que o preenche) em que se movem as figuras — metaforicamente já se vê, visto que o leitor se confronta com um produto literário.

Na primeira (que dá o título ao volume), o Corvo Vicente de «uma das últimas tascas de Lisboa» tem por função des-velar o verniz superficial da cidade, da república de corvos, não sem des-sacralizar a fábula que envolve o próprio brasão e outras lendas. No seu deambular de bicho «de asas cortadas por sacanice do tasqueiro com quem vive» (p. 22), o Corvo tem como confidente e vizinha «uma mulher que vende ovos e criação», a galinheira, que também pertence ao bestiário, a qual «preenche o tempo a dar à agulha e a contar um dois três laça, um dois três mate, para se esquecer de outros tempos» (p. 10). E com outros bichos se cruza numa cidade desencantada de estreitas ruas, onde «reina um cheiro a peixe frito e há um desfiar de televisores pelas janelas abertas, a cidade em família» (p. 24).

A segunda narrativa («Ascensão e Queda dos Porcos-Voadores») acentua certos aspectos do maravilhoso a partir de signos («suínos-vampiros», «porcos-aldos», «porcos do sol-poente», por exemplo) que amplificam o bestiário, mesmo que, como no caso específico, se trate de um bestiário privado ou dos «animais interiores», de acordo com a voz do juiz aposentado, protagonista deste microtexto. É a terceira («As Baratas») alarga o bestiário em várias direcções semânticas com o recurso a uma transposição intertextual que pode ser a chave descodificadora do

discurso. A fábula constrói-se à volta de um judeu fugido aos guerreiros do Führer, aportado à costa do Atlântico em 1942, engenheiro e especialista em matéria de minérios e, como tal, mandado pela polícia política para as minas de volfrâmio. Não é por acaso que ao personagem é dado o nome de Franzisko Kapa (a alusão a Franz Kafka da *Metamorfose* parece-me evidente), o qual, no seu isolamento, se dedica à investigação de insectos, circundado de baratas que lhe infestavam a casa, outrora Casa de Despacho do Santo Offício: «Legiões e legiões delas, não é exagero. Gerações atrás de gerações, uma praga. É o terrível é que de pais para filhos, as baratas aumentavam de número e apreciavam cada vez mais avisadas, cada vez mais engenhosas e mais carregadas de cheiro pestilento» (p. 51).

A quarta narrativa («Lulu»), por sua vez, acrescenta novos elementos ao bestiário: o cão (lobo-da-alsácia) com instintos militares, «cão de assalto nas manobras dos Comandos», deixado como companhia de Lulu pelo marido, sargento dos Comandos, quando «foi chamado para a guerra de África que nessa altura, 1971-72, andava assanhadíssima» (p. 80). E na quinta («Os Passos Perdidos. Informe sobre um Congresso»), doutores e cães parecem confundir-se numa alegoria que tem como pano de fundo um congresso de «cegos consagrados» no Palácio dos Clássicos, também conhecido por dos Passos Perdidos, enquanto «nos salões de armas ou nos respeitáveis corredores de mármore, os cães acompanhantes faziam horas para os ir buscar ao Magnum Auditorium» (p. 101).

Da sexta narrativa («Dinossauro Excelenteíssimo»), onde se contrapõem dinossauro e mexilhões, pouco há a acrescentar, de tal modo é conhecida a partir da sua 1.ª edição, em volume independente, de 1972, com sucessivas reedições em 1973 e 1974 (6.ª ed.) e posteriormente incluída em *O Burro-em-pé*, de 1979.

É, finalmente, a sétima narrativa («O Pássaro das Vozes») parece ter a função de actualizar o bestiário nacional, apresentando uma espécie considerada rara, vinda das Áfricas, que «não era um pássaro, era uma mistura de pássaros» (p. 200), comparado ao camaleão, «um passarão useiro e vezeiro em toda a espécie de camuflagens» (p. 202).

As sete narrativas, como sintagma global, inscrevem-se no âmbito de um fabulário em que a função moralizadora é, por via de regra, subjacente mas não explícita. O discurso é percorrido por uma intensa e expressiva veia satírica, por vezes sarcástica, produto de uma ironia

— não raro dessacralizante —, já noutras obras experimentada com sucesso e eficácia. E outra característica que acomuna, em geral, estes textos diz respeito ao modo como é concebido o tempo, estático, quase imóvel — a lembrar a feliz imagem da lagartixa de *O Delfim* —, como se pode ver nestes exemplos: a galinheira «amarrada à cadeira a fazer malha» (1.ª narrativa); «o parque, antigo e parado no tempo» (2.ª); a decadência e morte (mineralização) de Kapa (3.ª); a indiferença que povoa seres e coisas: «Ao fim de meses e de anos as damas-de-janela-e-cão deviam ter-se convencido de que jamais alguém, marido, parente ou amante, atravessaria as cancelas do apeadeiro, acenando-lhes uma saudação» (4.ª, pp. 77-78); o imperador transformado em estátua de bronze (6.ª, pp. 144 e segs.).

Uma observação, apenas, relativamente a «Dinossauro Excelenteíssimo». Tratando-se de um texto que começou a circular autonomamente em 1972, estranha-se que aqui apareça a integrar esta colectânea e, ainda mais, que o A. tenha eliminado a nota explicativa que acompanhava a ed. de 1979 e onde se afirmava: «Mas há desmemória e mentira a larvar por entre nós e forças interessadas em desdizer a terrível experiência do passado, transformando-a numa calúnia ou em algo já obscuro e improvável» (p. 120). É claro: o poder e os seus instrumentos — de que a comunicação é um dos mais poderosos — tende a anular a memória histórica, razão por que mais se justificaria a publicação autónoma desta fábula, talvez pouco depurada do ponto de vista das suas valências literárias, mas de grande impacto emotivo e que ultrapassa as fronteiras espaço-temporais que provavelmente o Autor lhe destinou, isto porque é ilusório falar desta espécie de dinossauros em termos de «sinais fósseis» e de «animal mitológico», para citar ainda a nota da ed. de 1979.

Manuel G. Simões